

# O FAROL DO MUCURIPE

NEY DANTAS\*

Capitão de Mar e Guerra (Ref<sup>o</sup>)

---

Um farol pode ser identificado por seu nome ou pela posição geográfica que ocupa, mas pode ser definido pela característica e altitude da luz que exhibe; e pela altura e pintura de sua estrutura, ou seja, pelo aspecto de sua torre.

Assim, ao neste artigo tratarmos do Farol do Mucuripe, abordaremos suas três diferentes estruturas ou torres que sustentaram sua lanterna com três diferentes aparelhos de luz em três diferentes posições geográficas, a mais recente a inaugurada em 18 de setembro de 2017.

Os principais portos brasileiros, em sua maioria, estão construídos no interior

de rios ou ao abrigo de baías. O porto de Mucuripe, no litoral cearense, uma das exceções, está situado na enseada de mesmo nome, em área desabrigada e diretamente exposta ao mar.

Diz a publicação *Roteiro*, edição de 1954, à página 115: “O porto de Mucuripe é exposto aos ventos de NE e SE, soprando com maior intensidade nos meses de agosto, castigando fortemente os navios atracados ao cais”.

A primeira relação organizada dos faróis existentes no Brasil foi editada em 1896, com o título “Iluminação da Costa, Portos, Barras, Rios e Lagoas Navegáveis

---

\*Comandou o Navio-Balizador Castelhanos, o Navio-Hidrográfico Taurus e o Navio-Faroleiro Graça Aranha. Aperfeiçoado em Hidrografia e Navegação, fez todos os cursos da Escola de Guerra Naval e escreveu dez livros – metade sobre Sinalização Náutica. Publicou muitos artigos nos Anais Hidrográficos, na Revista do Clube Naval e na Revista Marítima Brasileira.

da República dos Estados Unidos do Brasil”. Essa relação, mais tarde, em suas futuras edições, viria a ser identificada como Lista de Faróis, que descreve assim o Farol do Mucuripe: Latitude 03° 42’ 10” S; Longitude 038° 27’ 25” W, na Ponta de Mucuripe, com caracter de luz branca, com lampejos de minuto em minuto; produzida por aparelho de dióptrico de 4ª Ordem; com 12 milhas de alcance em tempo claro; altura do foco de 9,30 m acima do solo e 33,46 m acima do preamar; natureza e forma do edifício de “Torre cilíndrica de ferro fundido sobre base octogonal de alvenaria: a casa é pintada de branco e circunscreve a torre”. Foi inaugurado em 1846, e segue a seguinte observação: “O atual farol foi inaugurado em 29 de julho de 1872 em substituição do que ali existia desde 1846”.

Com 290 milhas de litoral, a Província do Ceará foi a sétima do Império a ser agraciada com a construção de um farol no meio do século XIX. Sua construção foi autorizada por D. Pedro II, em 1826, como parte das comemorações do centenário da elevação de Fortaleza à condição de vila.

Desde sua origem, a cidade de Fortaleza foi defendida por uma quantidade

de modestas fortificações erigidas na enseada de Mucuripe<sup>1</sup>. Justo se pensar que, ao projetar um farol para aquele sítio, o comandante das Armas de Pernambuco, o engenheiro militar Conrad Jacob de Niemeyer<sup>2</sup> aproveitasse uma possível ruína ou se inspirasse na forma de outro ao decidir pela configuração de um fortim de alvenaria de forma octogonal no estilo barroco, de dois pavimentos de 3,5 metros de pé direito com 7 metros de altura total para sobre o qual se instalaria uma torreta capaz de sustentar uma lanterna e seu aparelho de luz, com cerca de 2,30 metros de altura<sup>3</sup>.

Pelo que mostram as fotografias posteriores, a construção, que dispunha de portas e janelas, deveria servir de residência, acomodação ou alojamento de faroleiro e/ou paiol de material.

Aceito seu projeto, ele foi enviado pelo presidente da Província, em ofício em 13 de maio de 1828, à Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação<sup>4</sup> que acumulava naquela ocasião, entre outras atribuições, a “administração e inspeção dos faróis e tudo o que dizia respeito à navegação”.

O Tribunal da Real Junta acompanhou parecer favorável de seu membro, o Bri-

1 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mucuripe\\_\(Fortaleza\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mucuripe_(Fortaleza))

2 Ver <http://www.cbg.org.br/novo/niemeyer-na-engenharia/>. Descendente de uma família de militares alemães, Conrad Jacob de Niemeyer nasceu em 28 de outubro de 1787, em Lisboa, onde, em 1803, havia assentado praça de cadete. Ainda jovem, aos 22 anos, com a patente de cadete de Artilharia partiu, em 1809, do porto de Portsmouth, na Inglaterra, a bordo do Brigue *Destemido*, com destino ao Rio de Janeiro, onde desembarcou no mês de julho daquele ano. Ao que consta, em 1811 estava matriculado na Escola Militar; em 1815 foi promovido a primeiro-tenente do Real Corpo da Engenharia e, em 1817, completou o seu curso naquela Escola, com distinção. Niemeyer foi mandado para Pernambuco em 1824, quando lá rebentou o movimento político e revolucionário de caráter emancipacionista e republicano denominado Confederação do Equador, episódio de nossa História de que participou expressivamente e que o fez permanecer na região. Foi um dos precursores da cartografia nacional e, entre os seus trabalhos, destaca a “Memória hydrográfrica sôbre a represa do Rio Barberibe”. Agraciado com a Imperial Ordem do Cruzeiro, foi dignitário da Ordem de Cristo e da Ordem de São Bento e Aviz e membro efetivo do Instituto Histórico Nacional. O Coronel Conrad Jacob de Niemeyer faleceu no Rio de Janeiro em 5 de março de 1862. É considerado o patriarca da família Niemeyer no Brasil, onde alguns de seus familiares, ascendentes e descendentes foram batizados com este mesmo nome.

3 Estimativas do autor, à luz de fotografias da época.

4 A Junta do Comércio foi extinta por decreto de 18 de setembro de 1834.



Farol do Mucuripe – Foto de 1940

gadeiro Engenheiro Francisco Cordeiro da Silva Torres Melo e Alvim, primeiro e único Visconde de Jerumirim e ex-ministro dos Negócios da Guerra (de 15 de junho de 1828 a 24 de junho de 1828), expedido em 17 de agosto de 1829, e que aprovou o orçamento de despesa para a construção do farol e para a importação, da França ou da Inglaterra, de um candeeiro com oito mechas e sua proteção envidraçada.

Contudo, a obra só foi iniciada mais de dez anos depois, no dia 1º de maio de 1840, sob a orientação dos engenheiros Júlio Álvaro Teixeira de Macedo e Luís Manuel de Albuquerque Galvão, cabendo ao maquinista Trumbull a instalação do equipamento luminoso.<sup>5</sup> Relatório anual do ministro da Marinha, de 13 de maio de 1846, afirma que “o Pharol de Mucuripe, na Província do Ceará, está concluído” na extremidade da ponta de Mucuripe, tendo sido inaugurado em 21

de fevereiro daquele ano<sup>6</sup>, justo no dia em que a Princesa Isabel, a Redentora, nascia no Paço Imperial de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Seu aparelho catóptrico exibia em seu foco, 9,30 metros acima do solo, luz fixa branca em uma altitude de 33,36 metros, com alcance de 10 milhas<sup>7</sup>.

Ficou conhecido como “Olho do Mar” e foi considerado uma das mais antigas edificações da cidade

de Fortaleza. Consta que João Rodrigues de Freitas foi seu primeiro faroleiro<sup>8</sup>.

Ao longo de seu primeiro quarto de século de existência, o Farol do Mucuripe, enquanto funcionou absoluto como o único no litoral cearense,<sup>9</sup> sofreu progressivo deterioramento, sem ter recebido a merecida atenção, a ponto de o Relatório anual de 1868 do Ministro da Marinha publicar que “no Ceará, o [farol] de Mucuripe, chegara quase a completa ruína, causando já prejuízos ao comércio”.

Neste ponto, merece especial menção o cidadão cearense Zózimo Bráulio Barroso, nascido em Aracaty em 4 de abril de 1839, filho do Tenente-Coronel Francisco Fidélis Barroso e de Dona Anna Cândida Ribeiro Barroso, irmã da Baronesa de Vasconcellos. Depois de encerrada sua instrução básica em Fortaleza, foi mandado por seu pai para o Rio de Janeiro em 1853, para completar sua formação.

5 [https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=484981071530782&id=296716950357196](https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story_fbid=484981071530782&id=296716950357196)

6 In *Histórico de Pharoas existentes no Brasil*, de Almiro Reis, Imprensa Naval, 1913, e arquivos do CAMR.

7 Mappa de Illuminação da Costa do Império em 1869.

8 <http://www.fortalezanobre.com.br/2013/01/farol-do-mucuripe-o-velho-e-o-novo.html>

9 O Farol de Aracaty, o segundo a ser construído no Estado, foi inaugurado em 1º de maio de 1872.

Matriculou-se em 1855 na Escola Militar do Rio de Janeiro<sup>10</sup>, cursando a seguir na Escola Central e por fim, em 1894, a Escola Politécnica, onde se formou em Engenharia Civil, em 1899, e recebeu o título de bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Em 1862, obteve licença do Governo Imperial para aprofundar na Europa seus estudos de Engenharia, voltados a portos de mar, para que melhor pudesse atender à determinação do governo de sua província natal, com vistas ao melhoramento do porto de Fortaleza, para o que tinha sido comissionado. Em 1866, o presidente da província do Ceará, o tenente-coronel do Corpo de Engenheiros João de Souza Mello e Alvim, de comum acordo com o ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, encarregou Zózimo Barroso, então engenheiro das obras gerais da Província, de ir à Inglaterra fiscalizar o contrato para a construção de seis pontes e um viaduto metálicos para o Estado.

Aproveitando sua permanência na Europa, foi-lhe encomendado pelo governo da província do Ceará um projeto para a reconstrução do farol de alvenaria de forma octogonal de Mucuripe. Para bem desincumbir-se da missão, Zózimo fez estudo sobre faróis que lhe permitiram aprimorar seus conhecimentos nessa arte

e escrever dois de seus trabalhos que deixaram marcas em nossa Farologia: *Iluminação da costa do Brazil* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1869, 6 pp., 2 colunas e 1 mapa) e *Pharoes. Estudos sobre a iluminação da costa do Brazil* (Londres. Impresso por T. Brettlet & C.a, 1868, in-8.º de 90 pp.).

Nesses trabalhos, além de traçar considerações amplas sobre a administração dos faróis no País, Zózimo demonstrou a superioridade técnica dos aparelhos dióptricos, muito mais eficazes, sobre os antigos aparelhos de refletores, até então em uso entre nós, e no Farol do Mucuripe. Seus trabalhos repercutiram satisfatoriamente na Marinha, a quem já pertencia o Serviço de Faróis.

Tinha então voltado à direção do Ministério da Marinha o magistrado e político João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, cargo que exerceu de 16 de julho de 1868 a 29 de setembro de 1870. Foi ele quem encarregou o engenheiro Zózimo de contratar na Europa a construção de nove torres metálicas para faróis e de seus aparelhos lenticulares de vários tamanhos, para serem erigidas em diferentes portos<sup>11</sup> do Império, um deles para Mucuripe, um dióptrico de 4ª ordem, sistema lenticular de Fresnel, rotativo. O próprio Zózimo contratou e fiscalizou suas

10 Escola Militar, in <http://www.caeng.poli.ufrj.br/index.php/a-escola-polit%C3%A9cnica/historia>. A Academia Real Militar passou às denominações de Escola Militar e, em 1858, de Escola Central. O ensino nessa Escola abrangia três cursos distintos: um curso teórico de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais; um curso de Engenharia e Ciências Militares e um curso de Engenharia Civil voltado para as técnicas de construção de estradas, pontes, canais e edifícios, ministrado aos não-militares, ou seja, aos civis que frequentavam as aulas. O nome civil ainda não tinha sido empregado, nem fora mencionado na Carta Régia que instituiu a Academia. Em 1874, a Escola Central transferiu-se do Ministério do Exército para o Ministério do Império, com o nome de Escola Politécnica, atendendo apenas a alunos civis. Além dos cursos de bacharéis em Ciências e de engenheiros civis, que já haviam se formado pela Escola Central, foram criadas novas especialidades de Engenharia. Até meados do século XX, seus programas de ensino eram considerados padrões para todas as escolas de Engenharia do País e, por sua influência, muitas são denominadas até hoje Escola Politécnica, título que agora nossa Escola retoma.

11 Paranaguá, na Província do Paraná; Espírito Santo, Espírito Santo; Itapoan, Bahia; embocadura do Rio São Francisco, Alagoas; Olinda, Pernambuco; Cabedelo, Parahyba; barra do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte; Mucuripe, Ceará; e Parnahyba, Piauí.

fabricações na Europa e acompanhou as construções desses faróis, nos portos da costa a que tinham sido destinados. Foi ele também quem, com especial atenção, é claro, remeteu os materiais para construção do novo Farol do Mucuripe, os quais chegaram a Fortaleza a 9 de junho de 1871, a bordo da barca inglesa *Empreza*<sup>12</sup>. Fidalgo e cavaleiro da Casa Imperial, Zózimo Barroso deixou valiosa contribuição à Sinalização Náutica cearense e, acima de tudo, à brasileira.

Enquanto isso, a situação agravou-se, como descreveu o ministro da Marinha em seu Relatório anual de 1870: “O de Mucuripe [farol] incendiou-se na noite de 21 de julho último [de 1869]”<sup>13</sup>, destruindo parte da antiga torre sobre a fortaleza octogonal e a já defeituosa lanterna. E prossegue o relatório: “A fim de evitar os riscos à que a extinção dessa luz podia sujeitar os navios que demandam o referido porto recomendei à presidência da província que fizesse reconstruir a parte incendiada... Em 11 de novembro participou aquela autoridade que tinham sido feitas as reparações mas que o estado do pharol era mui precário e seu serviço incompleto, pelo que se tornava indispensável a substituição do aparelho iluminador por outro de Fresnel”.

Em resposta por Aviso do dia 5 de dezembro o presidente da Província foi informado que o aparelho solicitado já estava encomendado e devia vir da Inglaterra. De fato, o “novo conjunto” torre e aparelho dióptrico chegou ao Brasil em 1871. A despeito do precário estado da estrutura de alvenaria, ela serviu para receber o conjunto encomendado pelo engenheiro Zózimo, uma torre cilíndrica de ferro fundido com lanterna e um aparelho de luz dióptrico rotativo de 4ª ordem.

Esse “novo” farol foi festivamente inaugurado em 29 de julho de 1872, dia em que, coincidentemente, a Princesa Isabel comemorava seu 26º aniversário. O farol passou a exibir luz branca com lampejos de minuto a minuto, com a mesma altura e altitude e o mesmo alcance do anterior.

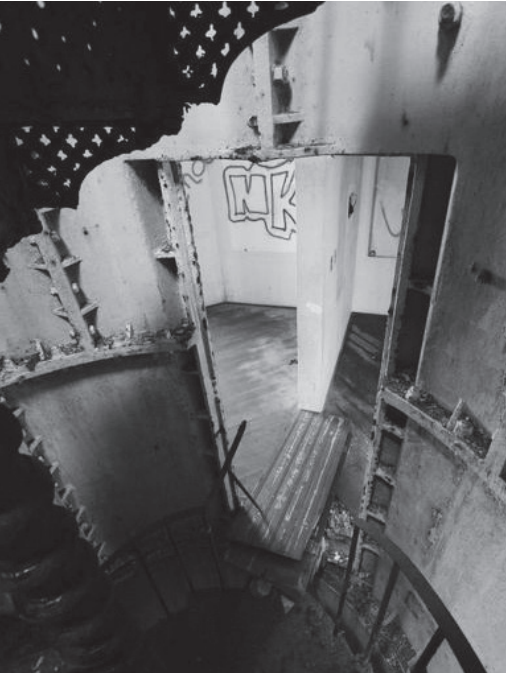
O aspecto geral externo do farol manteve-se praticamente o mesmo. Curiosa, criativa, inusitada, *sui generis*, contudo, foi a obra. Mostram fotos de hoje que a torre cilíndrica de ferro fundido, na realidade, foi montada no interior da construção octogonal de alvenaria que a abraçou para servir de residência dos faroleiros e outros misteres. A varanda e a lanterna da torre de ferro fundido destacaram-se na laje superior da construção octogonal de alvenaria.

Em seu Relatório Anual de 1874, disse o ministro da Marinha, no capítulo dos “Pharoes”: “A administração dos pharoes deixa ainda muito a desejar quanto à economia e boa execução do serviço. Os pequenos recursos de que dispõem as Capitânias dos Portos, o exíguo salário dos guardas e, sobretudo a imperfeita organização do serviço, explicam as faltas que se notam e que cumpre corrigir no interesse das pessoas e propriedades que transitam em nossos portos e costas”. E acrescentou: “Foi-me apresentado pelo Engenheiro Zózimo Barroso um projeto de regulamento para o serviço de pharoes. Sobre esse projeto já emitii parecer o Conselho Naval; nada, porem, decidi a respeito porque a criação de uma Repartição central ali indicada não pode ter lugar sem autorização do Poder Legislativo”.

Dois anos depois, em 26 de janeiro de 1876, foi criada a Diretoria de Faróis pelo Decreto Imperial nº 6.108, que reunia em um só órgão a administração de todos

12 [http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1193&catid=292&Itemid=101](http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1193&catid=292&Itemid=101).

13 In *Histórico de Pharoes existentes no Brasil*, de Almiro Reis, Imprensa Naval, 1913, p. 34.



Vistas internas da torre metálica no interior da construção octogonal

os faróis do Império. Os guardas de faróis, os faroleiros, ainda careciam, contudo, de melhor preparo técnico que os habilitasse cuidar adequadamente dos aparelhos de luz, a essência dos faróis, importados em sua totalidade da Europa, principalmente da França.

A progressiva deficiência no funcionamento do aparelho dióptrico importado da Grã-Bretanha e instalado em Mucuripe foi uma prova disso. Recorreu-se ao renomado fabricante francês Barbier Bernard & Turenne – BBT, com sede à Rue de Currial, 82, Paris, que se tornaria, durante décadas, o principal fornecedor de aparelhos lenticulares giratórios ou automáticos para a Sinalização Náutica brasileira. Entre 1874 e 1952, esse fabricante forneceu ao Brasil cerca de 100 aparelhos lenticulares de diferentes tamanhos e seus sobressalentes.

Em outubro de 1908, foi recebido o aparelho identificado pela BBT como Cde 6117 e assim descrito: “*l'appareil feu éclair 4<sup>o</sup> écl. Simple ttes les 10" Lant. 1800*”. Depois de instalado no Farol do Mucuripe, segundo a Lista de Faróis de 1911, em sua 5<sup>a</sup> edição, exibia uma luz branca com lampejos de dez em dez segundos produzida por um aparelho dióptrico de 4<sup>a</sup> Ordem, ou seja, com as mesmas características do anterior.

Ao longo dos anos que se seguiram, enquanto o farol cumpria sua missão diuturna, Fortaleza crescia. De um lado da ponta de Mucuripe, nascia o porto. Do outro, na orla, suas edificações cada vez mais altas viriam a prejudicar a visibilidade do farol, com risco à segurança da navegação de aproximação e acesso ao porto da cidade.

“A partir do início da década de 50, passou-se a cogitar a transferência do farol para local mais proeminente. Em agosto de 1952, partiu-se para a escolha do melhor sítio decidindo-se por um terreno, 2.963,2 metros afastado do farol ativo, no alto de montanha de areia, com 67 metros de altura por trás dos depósitos de uma companhia de gasolina, no local denominado Praia de Antonio Diogo, a cerca de 1,6 milhas SSE do extremo do molhe de Mucuripe.”<sup>14</sup>

Findas as transações comerciais, imobiliária, financeiras, administrativas e de engenharia pertinentes, um novo farol pôde enfim ser inaugurado, em 13 de dezembro de 1958, em meio às comemorações do Dia da Marinha. Sua nova torre, construída pela firma Ciclope, do Rio de Janeiro, com 22 metros de altura, de concreto armado, tinha a forma cilíndrica, com plataforma superior à guisa de varanda, na qual se instalou lanterna metálica com caixilhos de vidro retangulares capaz de abrigar um aparelho rotativo BBT de 3ª Ordem Pequeno Modelo, projetado para emitir luz branca com grupo de dois lampejos a cada dez segundos, capaz de ser vista a 28 milhas. Somente em 24 de maio de 1964 a instalação desse farol pôde ser totalmente eletrificada com energia comercial urbana local.

A inauguração, em 13 de dezembro de 1958, de uma nova torre para o Farol do Mucuripe em local distante provocou a desocupação do histórico edifício octogonal, que perdeu sua razão de ser e de interesse para a Marinha. No ano seguinte, no dia 12 de dezembro, durante a Semana da Marinha, o antigo Farol do Mucuripe é entregue ao Serviço do Patrimônio da União. A partir de então, passou ele por um período longo de abandono, em que se transformou em ponto de consumo de drogas e de prostituição.

O histórico "Olho do Mar" em ponto conspícuo da cidade, contudo, sempre teve um significado especial para a cidade de Fortaleza e também para o Estado. O cearense Raimundo Girão (1900-1988), historiador, escritor, membro da Academia Cearense de Letras, da Sociedade Cearense de Geografia e História e rotariano, desempenhou as funções de prefeito de Fortaleza em 1933-1934, foi secretário municipal de Urbanismo em 1960 e primeiro titular da Secretaria de Cultura do Ceará, entre 1966 e 1971. Foi dele a ideia de transformar o antigo Farol do Mucuripe em museu. O Museu do Jangadeiro, como foi batizado, nasceu na gestão de Vicente Cavalcante Fialho como prefeito da cidade, no período de 1971 a 1975, em 25 de junho de 1971, quando a Capitania dos Portos doa à Prefeitura de Fortaleza o Farol do Mucuripe, ou o que restava dele, para transformá-lo em museu.

O imóvel, já desocupado como farol havia mais de dez anos e em mau estado de conservação, passava por lento e sinuoso processo de cessão, sendo submetido a longos períodos de descuido por diferentes setores do poder público. Em 1983, após reparos no ano anterior, o imóvel octogonal com os restos do farol é tombado pela Secretaria da Cultura do Estado.

Outros anos mais se passaram, com mais negligência do poder público, até que em 1990 acontece a última grande reforma do imóvel, possibilitando que ele fosse reaberto como Museu do Jangadeiro, mas por pouco tempo. Foi reinaugurado em 1994, como Museu de Fortaleza.

Sem vigia para guardar o prédio, tombado pela Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura desde 1983, em 2007 a Secretaria de Turismo do Estado devolve o desocu-

14 *A História da Sinalização Náutica brasileira*, de Ney Dantas, p. 167.

pado imóvel ao SPU. Mesmo sem uso, o local contou com precária vigilância até 2010<sup>15</sup>, o que continuou a permitir seu mau aproveitamento.

A despeito das tristezas atravessadas pelo Museu de Fortaleza, a cidade crescia. Outros 50 anos se passaram para que a torre de 1958 do Farol do Mucuripe se tornasse também ela outro obstáculo ao crescimento da cidade. Se em 1958 a Marinha assumiu o ônus da obra, desta vez a sociedade local se uniu para dotar o porto de Mucuripe de um marco histórico.

Nas palavras de Amarílio Macêdo, presidente do Conselho J. Macêdo, empresa líder nacional na moagem de trigo, no armazenamento e na sua distribuição nos diferentes segmentos de farinha de trigo doméstica e de mistura para bolos, a altura do Farol do Mucuripe construído em 1958, embora satisfizesse às exigências de segurança à navegação local, dificultava o desenvolvimento comercial do porto do Mucuripe como ponto estratégico e de confluência de rotas comerciais e o crescimento urbanístico da cidade só possível verticalmente.

O atendimento a essas duas necessidades apontava para uma única solução capaz de satisfazer a coletividade, qual fosse o Plano Urbanístico de Fortaleza, que permitiria o crescimento vertical, limitado pela altura do farol inaugurado em 1958. Era necessário criar uma maneira de permitir

essa elevação vertical das edificações, das moradias, a construção de silos em uma altura que era proibida fazer antes. Só um novo farol satisfaria a todos esses interesses, com suas funções técnica, prática e simbólica, porque, afinal de contas, ele é o “Olho do Mar”.<sup>16</sup>

Uma parceria entre o grupo J. Macêdo e a Marinha do Brasil foi fechada em 16 de fevereiro de 2016, permitindo a construção de uma nova torre para farol, próxima à anterior e às instalações do grupo J. Macêdo, localizadas no bairro Vicente Pinzón. O investimento seria de 5 milhões de reais, a custo zero para a Marinha do Brasil.

Depois de uma obra que demorou nove meses, surgiu ao lado da antiga torre uma nova estrutura de concreto armado com 71,10 metros de altura, dotada de elevador, na posição geográfica Lat 03° 43,58' S Long 038° 28,30' W, colocando o Farol do Mucuripe como o de maior altura do Brasil, com alcance geográfico de 27,0 milhas náuticas e luminoso de 43,0 milhas náuticas em tempo claro.

Quando pronta a nova torre, todo o aparelho lenticular rotativo francês fabricado



Novo Farol do Mucuripe

Foto Luan Viana, em <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/09/com-71-metros-novo-farol-do-mucuripe-e-considerado-o-maior-das-america.html>

15 <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2015/04/18/noticiasjornaldom,3424593/os-olhos-tristes-do-farol.shtml>.

16 [https://youtu.be/T\\_v1e3sB5Gk](https://youtu.be/T_v1e3sB5Gk).



pela BBT, com lentes de cristal tipo Fresnel de 3ª Ordem Pequeno Modelo com 2.500 mm de diâmetro interno da torre anterior pesando cerca de uma tonelada, foi transferido para ela, no período compreendido entre 18 de julho e 15 de agosto de 2017, período em que se instalou uma lanterna ML-300 de emergência na torre de 22 metros prestes a ser desativada.

O dito aparelho que flutua e que gira em cuba cheia de mercúrio é acionado, em condições normais, por motor elétrico de 0,5 HP com caixa redutora ou, em emergência, por mecanismo do tipo relógio de corda em que a queda por gravidade de peso pendurado o faz girar.

No foco do aparelho lenticular foi reinstalada como fonte luminosa a lâmpada de vapor metálico de 75 watts/220 volts, capaz de produzir uma intensidade de 1.446.956 candelas. Todo o sistema principal elétrico do farol é alimentado por energia comercial de 220 V e, em emergência, por uma bateria reserva de 12 V/150 Ah. Em funcionamento, esse equipamento exibe dois lampejos de luz branca em cada dez segundos com a característica Lp (2) B. 10s = B. 0,6 Ec 2,0 + B. 0,6 Ec 6.8s.

A cerimônia de inauguração do novo Farol do Mucuripe aconteceu às 16 horas do dia 18 de setembro de 2017, uma segunda-feira, promovida pela Capitania dos Portos – representada pelo Capitão de Mar e Guerra Leonardo Salema Garçon Ribeiro Cabral – e pelo Grupo J. Macêdo. O evento cívico-militar contou com a presença do comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, e do presidente da J. Macêdo, Amarílio Macêdo, os quais se fizeram acompanhar pelo Almirante de Esquadra Paulo Cezar de Quadros Küster, diretor-geral de Navegação; do Vice-Almirante Renato Rodrigues de Aguiar Freire, comandante do 3º Distrito Naval; e do Contra-Almirante Flávio Augusto Viana Rocha, diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha. Estiveram também presentes o comandante da 10ª Região Militar; o comandante da Base Aérea de Fortaleza; o prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra; diretores da J. Macêdo; outras autoridades militares; personalidades políticas e representantes da sociedade civil.



Farol do Mucuripe considerado o maior do mundo

Foto de <https://sengece.org.br/60-maior-farol-do-mundo-inaugurado-no-mucuripe/>



Fotografias da inauguração do novo Farol do Mucuripe  
Esq/dir. Roberto Proença de Macêdo, VA Aguiar Freire, Roberto Cláudio, Raimundo  
Matos, AE Leal Ferreira, AE Küster, Lúcio Alcântara e Amarílio Macêdo, em  
foto do site Tapis Rouge



📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<ATIVIDADES MARINHEIRAS>; Sinalização Náutica; Fortaleza;